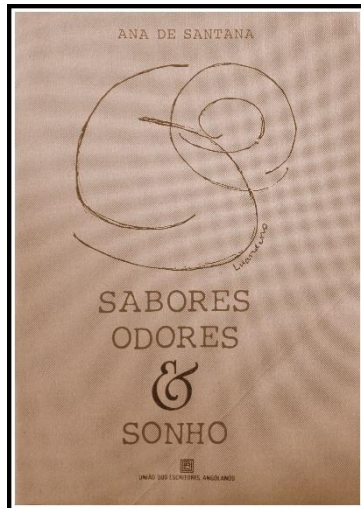


Sabores, odores & sonho, de Ana de Santana

Ana T. Rocha



Em agosto de 1985, a União dos Escritores Angolanos deu à estampa o número 53 dos *Cadernos Lavra & Oficina*. Este número intitulado *Sabores, odores & sonho* trouxe-nos a poesia de Ana de Santana. A ilustração na capa é da autoria de Luandino Vieira, que, com apenas quatro linhas curvas, desenhou o que nos parece ser uma figura humana curvada sobre si mesma.

Ana de Santana não é dos nomes mais lembrados quando se fala em literatura angolana. Aliás, os nomes femininos são constantemente “hiatizados” em diversos panoramas literários. No caso angolano, Paula Tavares será o nome mais citado, seguindo-se-lhe o nome de Alda Lara que é algumas vezes lembrado. A insuficiência de atenção, que se repercute na escassez de reedições e de estudos, agrava a situação de marginalização que promove a indiferença e, por fim, o esquecimento.

Tal realidade não tem como fundamento real a falta de qualidade literária, pois, não só este livro de Ana de Santana apresenta poemas belíssimos, como por exemplo “Pela chuva, as raízes”, como a tal qualidade não é, sempre, requisito para publicação, nem critério editorial.

Na poesia de Ana de Santana vários aspetos nos parecem de referência, sobretudo pelas vantagens da sua análise em contexto de sala de aula. Referimo-nos às influências dos poetas anteriores e, sobretudo, o modo como ela renova certos vocábulos e temas. O poema “Ralhete” lembra, logo nos primeiros versos, o poema “Não me peças sorrisos”, de Agostinho Neto. Aqui e ao longo do livro, Ana de Santana reivindica certas temáticas, como a escrita, a busca da palavra e a inquietação causada pelo sofrimento coletivo para o espaço feminino, inscrito na poesia de forma descomplexada. Esta ação é exercida também sobre certos vocábulos tipicamente associados a uma voz masculina, como “Penetro”, “ancas” e “conchas”.

Posto isto, é importante referirmos que em *Sabores, odores & sonho*, Ana de Santana não se prendeu a estruturas e estéticas anteriores (apesar das influências), mas compôs, antes, uma poesia que revela um “passo em frente”, uma recriação singular do apreendido, com uma segurança de admirar tendo em conta que corresponde o livro a uma publicação de estreia.